

Fabulações em laboratórios de Antropologia: as experiências no LABareDA¹

Katianne de Sousa Almeida – PPGAS/UFG

Resumo: O interesse da pesquisa de doutorado foi destacar o desenho como um caminho possível para a produção etnográfica, além de salientá-lo como um recurso pedagógico para a formação antropológica, dentro da estrutura disciplinar acadêmica na universidade. Na medida em que desenvolvia a ideia de desenhar os processos de compreensão de conceitos antropológicos eu construía uma narrativa gráfica sobre o meu florescimento como uma mulher negra na pós-graduação que precisava articular as teorias antropológicas e suas fissuras no contemporâneo. A tese tem uma proposta experimental de compartilhar reflexões por meio de uma manufatura do pensar. Especificamente no capítulo: "Fabulações e Entrelaçamentos" relato alguns dos encontros semanais que se seguiram no LABareDA (Laboratório de Desenho e Antropologia) no ano de 2021, em que foram compartilhadas técnicas, dicas de materiais, cursos, leituras, assim como as pesquisadoras(es) partilhavam seus projetos. O LABareDA foi idealizado no contexto da epidemia do COVID-19 com pesquisadoras(es), em diferentes níveis de sua formação, dos mais diversos estados brasileiros. Nessas interações e por meio de uma certa indisciplina, pois os encontros não tinham um formato vertical de uma classe, em que um sujeito ensinava e as(os) outras(os) aprendiam de forma passiva, ou melhor, apenas escutando, abriu-se a oportunidade para a serendíпия do desenho. As inquietações eram comuns nas partilhas dos encontros do LABareDA. Foram pensadas questões importantes como: a) O que se está criando ao relacionar antropologia e desenho nas produções antropológicas no Brasil?; b) como nós podemos ser levadas(os) a sério? Diante de tais indagações o grupo compartilhou algumas propostas para se avançar no tema, como por exemplo: a) conversar e dialogar para fora da bolha (da antropologia) poderia ajudar; b) experimentar e ousar é importante ao longo do percurso. Nas rodas de conversas no laboratório existia um pensamento partilhado que é: "o desenho é bom para pensar" e dentro do contexto da pandemia da COVID-19, em que existiam diversas dificuldades para se desenvolver um trabalho de campo nos moldes mais conhecidos pelas etnografias tradicionais na antropologia, foi nos desenhos confeccionados que as(os) membras(os) do LABareDA encontraram um espaço frutífero de produzir um trabalho antropológico. O laboratório se constituiu como uma estratégia de se repensar as práticas de ensino e com suas atividades múltiplas e dinâmicas conclamava a todas, todos e todes a se engajarem cada vez mais. Vislumbro, portanto, que o laboratório na antropologia possa ser um espaço de entusiasmo pelas ideias e a vontade de aprender, apresentando novas maneiras de saber e estratégias diferentes para partilhar o conhecimento.

Palavras-chave: desenho, experimentação, laboratório.

O LABareDA foi idealizado no contexto da epidemia do COVID-19 com pesquisadoras(es), em diferentes níveis de sua formação, ou seja, graduandos(as), mestrandos, doutorandos(as), dos mais diversos estados brasileiros, a citar: São Paulo, Paraíba, Goiás, Santa Catarina e Bahia e contou também com participação de um aluno

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

do exterior. O laboratório esteve sob a coordenação da professora Aina Azevedo vinculada à Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

A articulação para a criação do LABareDA chegou até mim por meio de um e-mail, enviado pela professora Aina em abril de 2021. No documento Aina indicava que a ideia do laboratório, para além de formalizar uma rede de pesquisa dentro do CNPQ², também serviria de espaço para que o grupo de pesquisadoras e pesquisadores interessadas(os) na relação entre antropologia e desenho pudessem se encontrar, fazer leituras, apresentar seus trabalhos, pensar em exposições, oficinas, assim como realizar trocas e experimentações.

Nos e-mails que preparavam o início dos encontros, a professora Aina sinalizou que o objetivo preliminar era pensar **em conjunto** de que forma **o grupo** poderia se encontrar e com que frequência, alternando as atividades entre grupo de leitura, conversas com autoras/artistas, realização de oficinas e talvez, no futuro, as(os) integrantes do laboratório pudessem ser responsáveis por um projeto **comum**, ou uma publicação em **conjunto**. Destaquei a palavra conjunto, pois bell hooks (2013) já enfatiza que “um espaço comunitário aumenta a probabilidade de haver um esforço coletivo para criar e manter uma comunidade de aprendizado” (p.18).

O primeiro encontro do LABareDA ocorreu no dia 19 de maio de 2021 pelo Google Meet às 16h e contou com a participação de nove pesquisadoras(es), contando comigo. O encontro teve a finalidade de cada integrante se apresentar e pensar como coletivo o desejo em se realizar atividades em conjunto relacionadas ao laboratório.

Após a primeira reunião houveram alguns encaminhamentos como a confecção do e-mail do laboratório (laboratorio.labareda@gmail.com) e a organização dos encontros do grupo que foram decididos como semanais (todas às quartas-feiras) das 16h às 18h. O objetivo dos encontros semanais seria construir um espaço para se desenhar e fazer outras experimentações.

Na segunda reunião pelo Google Meet, no dia 26 de maio de 2021, as pesquisadoras(es) se encontraram para desenhar e em silêncio, cada uma(um) com sua câmera ora ligada, ora desligada, a depender como estava a conexão de internet na casa de cada uma(um), sem um tema específico, ficamos a desenhar e a nos concentrarmos nos materiais que tínhamos em nossas mãos, fossem tintas, canetas, lápis de cor e os variados tipos de papéis. Portanto, foi uma reunião para desenhar e vezes ou outra alguma

² Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

pesquisadora ou pesquisador abria o microfone e fazia algum comentário sobre as possibilidades e propostas para a próxima reunião, como uma forma de se amadurecer as ideias para as dinâmicas seguintes do laboratório.



Figura 01 – Telas-janelas
Técnica: desenho digital no aplicativo Procreate
Dimensões: 2048 x 2048 px
Produção da autora, 2021

Neste desenho apresento as janelas como metáfora para as telas, ora abertas, ora fechadas.

Apesar de utilizar exclusivamente a plataforma digital, Google Meet, para os encontros síncronos³, as reuniões do LABareDA tornaram-se um espaço-tempo dedicado exclusivamente para se pensar as relações entre desenho e antropologia. Neste espaço estava se constituindo uma experiência pedagógica coletiva, de caráter laboratorial, em que se privilegiava o “conhecer por meio do fazer” (Ingold, 2015).

De acordo com a antropóloga portuguesa Ana Isabel Afonso:

O desenho revelava-se um dispositivo metodológico interessante, não só ao nível puramente técnico de gerar informação, mas também na *sedimentação da relação entre o investigador e os*

³ Os encontros síncronos são feitos ao vivo, ou seja, acontecem em tempo real, significando que o grupo interage ao mesmo tempo em um espaço virtual, online, dentro de uma plataforma de vídeo. Diferentemente de um espaço de conversa assíncrono como seria o e-mail ou em fórum de discussão.

sujeitos da sua pesquisa. Retenho esta como a sua maior riqueza, porventura ofuscada pelo poder atractivo e estético da imagem desenhada, face ao hermetismo do texto escrito ou à banalidade da fotografia digital. Na verdade, esta abordagem experimental evidenciou que a plasticidade do desenho permitia dar forma às abstracções captadas a partir de relatos de memória, ao mesmo tempo que tornava visível como essas narrativas eram filtradas pelo olhar do antropólogo. No vai-vem do terreno para o atelier do artista, e deste de volta ao terreno, pela mão do antropólogo em campo, se tornavam explícitos esse olhar e essa interpretação, deliberadamente não cristalizados em texto, nem tão pouco susceptíveis de ser fixados pela voracidade fácil (e imutável) da máquina fotográfica (grifos meus, 2016, p.94)

Pois bem, aqui não tenho o interesse em fazer um juízo de valor se o desenho seria melhor ou não que o uso da fotografia em campo, esta não é minha intenção, pois a relação com o material, seja o lápis, a tinta, o caderno, o celular ou uma máquina fotográfica tem muito a ver com as escolhas pessoais e o contato que a(o) pesquisadora(pesquisador) teve com esses materiais ao longo da sua formação como antropóloga(antropólogo) e até mesmo anteriormente à escolha dessa carreira profissional.

Ao longo dos encontros semanais que se seguiram no LABareDA, compartilhamos técnicas, dicas de materiais de desenho, cursos online, assim como as pesquisadoras(es) partilhavam seus projetos e o andamento de suas pesquisas. Nessas interações e por meio de uma certa indisciplina, pois os encontros não tinham um formato vertical de uma classe, em que um sujeito ensinava e as(os) outras(os) aprendiam de forma



passiva, ou melhor, apenas escutando, abriu-se a oportunidade para a serendípi⁴ do desenho.

Em uma fala dentro do evento acadêmico "Jornadas John Monteiro", no ano de 2021, a professora Aina Azevedo na mesa de debate

Figura 02 - Mesa de Debate “Experimentações etnográficas: desafios ao trabalho de campo antropológico” com as expositoras Aina Azevedo (UFPB), Leticia Ferreira (UFRJ), com a debatedora Magda Ribeiro (UFMG) e a mediadora Amanda Serafim (PPGAS/Unicamp).

Materiais utilizados: desenho digital produzido no aplicativo Procreate no Ipad.

Dimensões: 2048 x 2048 px

Produção da autora, 2021.

“Experimentações etnográficas: desafios ao trabalho de campo antropológico” discorreu que o crescente interesse pelo desenho como técnica de pesquisa e forma de exposição do conhecimento na antropologia, não é acompanhado pela sua incorporação massiva em cursos de formação dos estudantes.

⁴ Serendípi^a, conforme Luísa no podcast “Mundaréu”, especificamente no episódio “Serendípi^a: Há espaço para amizade no trabalho de campo?”, define a palavra como: a capacidade de encontrar coisas que não se esperava, de ver situações inusitadas, seus potenciais de renovação e assim, fazer outros tipos de vínculo e, no caso da pesquisa de campo, fazer avançar a antropologia.

Para Aina parte dessa lacuna relaciona-se à ausência de profissionais com formação adequada para levar adiante cursos específicos, assim como existe a predominância de uma pedagogia alicerçada na leitura, discussão e produção textual. Isto é, no predomínio da linguagem escrita como forma hegemônica de aprendizagem e circulação do conhecimento na antropologia. Tanto é que, na crítica feita por Clifford e Marcus (2016) à escrita etnográfica e suas vicissitudes, não se pensou em questionar a centralidade da própria escrita, enquanto linguagem privilegiada na antropologia.

Sendo assim, me pergunto se a virada epistêmica, a partir das teorias pós-modernas, além das interpelações feitas por autoras(es) decoloniais, feministas, indígenas, transformaram apenas a pesquisa e a teoria antropológica ou há percepções de abalo na estrutura em se ensinar e aprender antropologia?

As inquietações eram comuns nas partilhas dos encontros do LABareDA. Conversamos sobre como o desenho ajuda a pensar o próprio trabalho, bem como o desenho contribui para a sintetização de conceitos, além de auxiliar na compreensão das várias dimensões de um trabalho de campo. Uma das participantes comentou que o desenho propicia o giro epistêmico e coloca questões importantes para o campo da Antropologia Visual, como: a) O que a gente está criando ao relacionar antropologia e desenho nas produções antropológicas no Brasil?; b) Para além do Taussig e do Ingold para nos referendar o que nós podemos criar com essa relação entre antropologia e desenho?; c) como nós, que produzimos desenho e antropologia, podemos ser levadas(os) a sério?

Diante de tais indagações o grupo compartilhou algumas propostas para se avançar no tema, como por exemplo: a) conversar e dialogar para fora da bolha (da antropologia) poderia ajudar; b) experimentar e ousar é importante ao longo do percurso; c) entender por meio da prática o que seria e o que não seria fazer antropologia.

No primeiro encontro se comentou que o desenho é um percurso e uma das participantes pontuou por se tratar de um laboratório que seria interessante uma perspectiva de atuação mais prática, ou seja, ter mais oficinas. Após o primeiro encontro, a professora Aina enviou um *feedback* por e-mail para as(os) integrantes do laboratório. Nessa mensagem foram compartilhados dois documentos que ficaram disponíveis no Google Drive e que poderiam ser acessados por todas(todos) do grupo, a saber: arquivo bibliografia e arquivo oficinas. Este último para receber sugestões de ideias e pessoas para que ela organizasse o convite em nome do LABareDA.

No arquivo compartilhado no Drive do Google, Aina escreveu um esboço de como seriam as estruturas das oficinas. Segue, abaixo, o trecho do documento:

As oficinas do LABareDA são abertas a propostas que busquem experimentar com o desenho e outras grafias. A ideia é que o(a) proponente da oficina compartilhe alguma técnica ou sugestão de construção narrativa, dando espaço para a prática. Quando necessário, podem ser enviados materiais de estudo audiovisuais ou bibliográficos antes da realização da oficina. É imprescindível indicar com antecedência os materiais que serão utilizados na oficina, como lápis, caneta, aquarela, papel, tesoura, linha, tecido, fotografias impressas, revistas, cola, entre outros (documento do drive, Aina Azevedo, 2021).

Nestas primeiras diretrizes começou a se pensar o que seria o *fazer laboratorial*, ou seja, como seria o processo criativo quando o ato de experimentar teria também um caráter coletivo e compartilhando, com a ênfase na prática e nos processos. O foco, portanto, estaria centrado nas experiências e não nos resultados. Sendo assim, haveriam desdobramentos improváveis durante os encontros semanais do laboratório e por meio destas vivências estaríamos experimentando formas de se ensinar e aprender horizontalizadas e orgânicas.

Como assinala bell hooks (2013) a experiência do aprendizado deve ser tomada como um processo revolucionário, pois o aprendizado em sua forma mais poderosa, tem de fato um potencial libertador. Para a autora, ao aliar a pedagogia crítica de Paulo Freire, com o pensamento feminista negro e o papel do entusiasmo na prática do ensino se transgridem as fronteiras estabelecidas da relação entre o ensinar e o aprender. Em suas palavras “o prazer de ensinar é um ato de resistência que se contrapõe ao tédio, ao desinteresse e à apatia onipresentes que tanto caracterizam o modo como professores e alunos se sentem diante do aprender e do ensinar, diante da experiência da sala de aula” (p.21).

O laboratório se constituiu como uma estratégia de se repensar as práticas de ensino e com suas atividades múltiplas e dinâmicas (uma semana era o desenho desprezioso, outra semana uma leitura dirigida, outra semana tinha uma convidada ou convidado discorrendo sobre sua obra, outra semana era uma oficina) conclamava a todas, todos e todes a se engajarem cada vez mais, assim como evoca bell hooks (idem) “a se tornarem partes ativas no aprendizado” (p.22).

Vislumbro, portanto, que o laboratório na antropologia possa ser um espaço de entusiasmo pelas ideias e a vontade de aprender, apresentando novas maneiras de saber e estratégias diferentes para partilhar o conhecimento.

Na antropologia é uma prática consagrada estranhar o que é aparentemente familiar. O que se estranha, portanto, no espaço do laboratório quando se assume o valor centralizado nas experiências e não nos resultados? Existem, talvez, características que se queiram diferenciar do espaço do laboratório, do espaço da sala de aula, ou de um espaço de pesquisa?

No campo da Antropologia da Educação, a pesquisadora Schweig (2022) aborda as potencialidades da antropologia enquanto ciência-prática e de que forma as práticas colaborativas e experimentais problematizam as fronteiras entre o que seria pesquisa e intervenção ou produção do conhecimento e aplicação. Ao fazer o seguinte questionamento “*de que forma pesquisar e praticar etnografia junto a sujeitos que educam modifica algo do próprio fazer etnográfico?*” A autora explora o saber-fazer não distanciado, compreendendo que há uma transformação da subjetividade das(dos) antropólogas(os) quando se faz o entrecruzamento de práticas profissionais e as produções de dados para a pesquisa e nesse movimento *entre si e para si* se recria o próprio campo de produção do conhecimento antropológico. Assim ela explica:

Essa ‘mudança metodológica’- ou ‘virada ontológica do grupo’, como costumamos brincar - passou a marcar uma transformação em nosso modo de compreender o fazer da pesquisa (e da docência), levando-nos a prestar atenção às questões que emergiam nesses momentos de estudo e intervenção propostos em rodízio pelos integrantes da equipe. Neles, era possível observar o surgimento de questões sobre a aprendizagem e o fazer da docência (e da etnografia) que não se evidenciavam por meio da escrita ordinária dos diários de campo baseados na observação participante das práticas dos professores nas escolas. (Schewig, 2022, p.337).

Diante deste deixar-se afetar pelo modo de fazer uma antropologia experimental e laboratorial que vem a ressignificar e alargar as maneiras em se produzir conhecimento, me aproximo da abordagem de bell hooks (2013) quando ela afirma que “as(os) educadoras(es) têm o dever de confrontar as parcialidades que têm moldado as práticas pedagógicas em nossa sociedade e de criar novas maneiras de saber, estratégias diferentes para partilhar conhecimento” e que há um ponto de vista privilegiado quando se mistura os modos experimental e analítico do conhecimento, em suas palavras:

Somo minha voz ao apelo coletivo pela renovação e pelo rejuvenescimento de nossas práticas de ensino. Pedido a todos que abram a cabeça e o coração para conhecer o que está além das fronteiras do aceitável, para pensar e repensar, para criar novas visões, celebro um ensino que permita as transgressões - um movimento contra as fronteiras e para além delas. É esse movimento que transforma a educação na prática da liberdade. (p.23-24).

Em vista das considerações de bell hooks(idem) é no movimento de pensar e repensar a prática do ensino que se transforma a educação em uma prática libertária. No contexto específico do trabalho de campo no LABareDA observou-se que era por meio da prática do desenho que se visualizava a renovação e o rejuvenescimento do ensino de antropologia.

Na primeira reunião do LABareDA foi colocado que um dos pontos importantes de se construir um espaço coletivo de aprendizagem, especialmente nessa relação do trabalho antropológico com o desenho, é a possibilidade de se aprender um com o trabalho do outro, compartilhando técnicas, modos de fazer e descobertas.

Um dos participantes ressaltou que no contexto da pandemia do COVID-19, no ano de 2021, além das pesquisas necessariamente precisarem ser mais solitárias, o uso do desenho em pesquisas, dependendo de onde se está fazendo a pós-graduação, ou seja, o programa que se está vinculado, não há professoras(es) ou colegas que dialogam com as questões que surgem no processo de reflexão da prática do desenho juntamente com o desenvolvimento da pesquisa. Sendo assim, o laboratório tornou-se um espaço de compartilhamento e de trocas com pesquisadoras(es) que se interessam por uma temática em comum.

Além disso, o LABareDA também seria um ambiente para se realizar oficinas, como uma espécie de “oásis”, nas palavras de Aina, em que vamos a um encontro que não necessariamente precisaríamos chegar com algumas páginas lidas para dialogar, mas com materiais, ou ferramentas, que sejam o lápis, uma caneta, para desenhar.

Criar esses momentos são essenciais para desenvolver as experimentações e uma janela dentro do espaço-tempo, em que fiquemos imersos nas produções de nossos desenhos. A criatividade, portanto, precisa antes de tudo de tempo e imersão para ser cultivada e florescer.

A primeira oficina do laboratório aconteceu no dia 03 de junho e eu fui responsável pela atividade. A proposta: “Técnica aguada com café” tinha como objetivo apresentar alguns princípios da aquarela usando o café solúvel. O café é um material

acessível e talvez já presente nas casas das(os) participantes do laboratório e que não precisaria de um grande investimento se fosse requisitado o material “oficial” para se fazer uma aquarela que é a tinta aquarela. A intenção de demonstrar uma técnica no laboratório não significou enfatizar um “certo” ou um “errado” no uso do material, mas um caminho para se conseguir materializar as possibilidades que aquele material poderia oferecer.

Antes do encontro foi enviado um e-mail ao grupo detalhando os materiais necessários para se trazer para a reunião que está descrito no arquivo abaixo:

OFICINA: TÉCNICA AGUADA COM CAFÉ

Data: 02 de junho de 2021 das 16h às 17h30

Proponente: Katianne

Doutoranda em Antropologia Social pelo PPGAS-UFMG, designer de moda e aquarelista.

Resumo: Os pigmentos naturais são elementos acessíveis que podem se constituir como um primeiro contato das pessoas anteriormente à aquisição de um produto artístico que demande um valor financeiro considerável, a exemplo da aquarela, o que pode tornar o acesso à arte, por vezes, algo inacessível. Tendo como eixo o desenvolvimento de técnicas artísticas de maior alcance coletivo, a oficina “Técnicas aguadas com café” justifica-se pelo produto, o café, ser barato e também fazer parte do cotidiano da maioria das pessoas no Brasil.

Materiais necessários:

- **2 folhas tamanho A4 de papel gramatura 300g**

(opções mais baratas: marca Montval, ou papel Bamboo da marca Hahnemuhle, ou papel Mix Media XL da Canson ou qualquer outro que você tenha de alta gramatura). A alta gramatura é imprescindível por se tratar de uma técnica bastante aguada.

Importante: as duas folhas devem ser divididas e cortadas em 2 pedaços, totalizando 4 pedaços.

- **100 g de café solúvel**

Importante: eu testei com café normal e não gostei do resultado, por isso estou indicando o café solúvel para o resultado ficar melhor.

- **pincéis com pontas diversas** (1 pincel com ponta redonda, 1 pincel com ponta chata e 1 pincel para detalhes, veja imagem).

Importante: a marca mais barata de pincel é a marca Keramik e também existe o kit da Faber Castell, a marca Sinoart também é barata.



- **Fita crepe**

- **Uma base para prender a folha** (pode ser uma prancheta, ou o papel paraná que fica no final das folhas do bloco de folhas de aquarela, ou seja, aquela folha mais durinha).

- **Toalha de papel**

- **2 copos de vidro de 200ml com água limpa**

Com o café e o papel com uma gramatura mais grossa, ou seja, 300g, foi possível apresentar alguns princípios da aquarela como: 1. Técnica molhada⁵ sobre papel molhado; 2. Técnica molhada sobre papel seco; 3. Técnica seca sobre papel molhado e 4. Técnica seca sobre papel seco.

Após apresentar as técnicas separadas sugeri uma paisagem que agregasse as múltiplas técnicas, com montanhas em diversos planos, água do mar e barcos a vela.



Figura 03 - Apresentação dos princípios da aquarela usando café solúvel no LABareDA. Acervo da autora, 2021.



Figura 04 – Paisagem usando técnica aguada com café solúvel.

Materiais: café solúvel, álcool sobre papel 300g/m² –
Dimensões: 11,5x15,5 cm.
Produção da autora, 2021.

Ao unir todas as técnicas o objetivo foi visualizar como elas expressam texturas, profundidades, brilhos. No desenho ao lado, no céu foi usada a técnica molhada sobre molhado e para simular as nuvens usou-se um guardanapo, como uma “borracha” para retirar a tinta e dar mais luz e textura para o desenho. Já na água do mar foram usadas tanto a técnica molhada sobre molhado, como seca sobre seco.

As técnicas, portanto, são um caminho que facilita, ou seja, se expressa com mais segurança no papel aquilo que se observa ou o que se imagina.

Para além do dia da oficina foi mencionado ser possível fazer experimentações com outros materiais

acessíveis como a cúrcuma e o hibisco. A ideia de se usar materiais que vão além do que

⁵ Técnica molhada significa pincel carregado com bastante água e com menos pigmento e técnica seca significa pincel carregado com pouca água e mais pigmento.

é descrito como profissional é propor possibilidades de experimentações acessíveis economicamente às (aos) estudantes e às(aos) pesquisadoras(es) que tenham curiosidade e interesse em usar a linguagem do desenho e não tenham acesso a materiais mais caros e também como recurso descomplicado para as(os) professoras(es) levarem para a sala de aula.



Figura 05 - Flores do campo com cúrcuma.

Materiais: cúrcuma dissolvida em água quente, lápis e caneta nanquim sobre papel 200g/m² -

Dimensões: 10x15cm.

Produção da autora, 2021.

Novamente apoiada pela perspectiva de bell hooks (2013), que foi influenciada pelo educador Paulo Freire, ressalto que a relação ensinar-aprender significa um ato dialógico e imaginativo. Desse modo, os materiais e as técnicas não devem ser vistos como espaços que dificultam ou limitam o uso do desenho em sala de aula ou nas pesquisas, mas como caminhos para o conhecimento que tem como embasamento a experimentação e onde o lugar da imaginação está fora das linearidades e respostas prontas. A partir dessa vivência no LABareDA evoco que a experimentação com desenhos em sala de aula, ou dentro de grupos de pesquisa, laboratório ou nas pesquisas seja um modo de resistência política para se produzir ciência, em que se desnaturaliza como muitas(os) de nós, antropólogas(os), usamos as notas escritas, para a divulgação do conhecimento científico, seja por artigos, capítulos de livros, monografias, dissertações e teses.

Em e-mails seguintes à primeira oficina, em prol de organizar as atividades do LABareDA, a professora Aina detalhou melhor um dos planos do laboratório de se eleger uma leitura mais aprofundada a ser discutida uma vez ao mês. A primeira leitura escolhida para o mês de junho foi o livro *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene* de Donna Haraway, especificamente o capítulo 08 “*The Camille Stories - Children of Compost*”.

A leitura compartilhada do capítulo com pesquisadoras(pesquisadores) engajadas(os) em evocar a linguagem do desenho como uma experimentação trouxe uma vitalidade para a forma de se contar histórias. Aina, em sua fala na mesa

“Experimentações etnográficas: desafios ao trabalho de campo antropológico” expos que a partir das leituras foi possível criar uma proposta de uma fabulação especulativa que tem o desenho a sua forma de criar enredos para uma futura história.

As(os) integrantes do LABareDA se interessaram em traduzir para além das formas que são canonicamente aceitas como instrumentos capazes de produzir e reproduzir o pensamento científico, interpretações visuais dos conceitos abordados por Donna Haraway (2016) em histórias de Camille, ampliando, portanto, o debate acerca das diversas possibilidades de se comunicar conceitos para além das palavras.

Nas rodas de conversas no laboratório existia um pensamento partilhado que é: “o desenho é bom para pensar” e dentro do contexto da pandemia da COVID-19 no ano de 2021, em que existiam diversas dificuldades para se desenvolver um trabalho de campo nos moldes mais conhecidos pelas etnografias tradicionais na antropologia, foi na ficção e nos desenhos confeccionados que as(os) membras(os) do LABareDA encontraram um espaço frutífero de produzir um trabalho antropológico.

A partir das provocações evocadas nas reuniões do LABareDA por meio das leituras compartilhadas de Histórias de Camille (Haraway, 2016), me senti motivada a desenvolver uma série de desenhos.

O diálogo proposto entre o desenho e a antropologia vem construindo importantes fundamentos teóricos e imagéticos para potencializar a elaboração do pensamento antropológico ao considerá-lo não apenas como ferramenta de pesquisa, mas uma forma de experimentar a dimensão gráfica que possibilite caminhos outros para as etnografias e escritas antropológicas.

O engajamento especulativo experimental dentro do LABareDA foi, portanto, uma estratégia de criação compartilhada de criação de mundo onde poderiam caber muitos outros mundos. O grupo incentivado pela leitura de Histórias de Camille expressou por desenhos como seria possível florescer novamente dentro de um planeta vulnerável.

Neste projeto, de compreensão dos conceitos da autora citada quanto a aprender a costurar colaborações improváveis e caminhando para além da reflexão da dimensão ficcional de Histórias de Camille, também esteve presente, nas produções criativas, a dimensão analítica e dimensão metodológica, uma vez que uma abordagem minuciosa foi

se construindo ao longo dos debates sobre a teoria do antropoceno e o fazer etnográfico na antropologia.

Isto posto, levando em conta o estímulo proveniente das leituras, dos debates e da produção dos desenhos, face a face a um planeta danificado⁶, os desenhos a seguir tiveram a intenção de refletir sobre seguir com o problema fomentando outras formas de pensar que possibilitavam as construções de tessituras criativas. Ao explicar os conceitos graficamente assumo uma prática pedagógica-metodológica em que o fazer – o aprender – e o conhecer estão encadeados no intuito de eliminar a rígida oposição entre o texto e a imagem.

Tendo a perspectiva das considerações da obra de Haraway (idem) é preciso responder à questão de como viver nas ruínas e imaginar uma sintonia entre humanos e não humanos, por meio de posturas inovadoras. Desta forma, uma série de desenhos buscaram compreender de que forma se pode forjar revoluções ontológicas para formar parentes.

Assim, como apresenta Haraway (2016) e Ingold (2015) na confecção de redes de aprendizado e ao percorrer caminhos que aproximam as ciências e as artes criam-se pontes de conexão entre os fragmentos da dualidade da empiria e da epistemologia usando as experimentações artísticas. Consequentemente, a experimentação colabora com os novos voos analíticos, pois a incompletude, a insegurança, o fracasso, o que não foi possível acontecer, as ambivalências não carregam um sentido negativo de um problema ou contratempo, mas tornam-se uma política de conhecimento.

O projeto com nove desenhos realizados a partir da leitura compartilhada teve como título: “Desenhando o entrelaçar do cerrado goiano com as ruínas: em busca de uma simbiose possível entre humanos e não humanos” significou uma tentativa de produção



Figura 06 - Borboleta-fogo-no-ar - Labareda (Dryas iulia alcionea)

Materiais utilizados: desenho digital produzido no aplicativo Procreate no Ipad.

Dimensões: 2048x2048 px

Produção da autora, 2021.

⁶ No cenário atual brasileiro estamos diante a um ataque sistemático às ciências humanas, a desqualificação do trabalho científico, além do empobrecimento maciço da população e à destruição visceral do meio ambiente.

sensível e viva de construção da ciência antropológica, que combinou a linguagem dos desenhos com o texto de modo a me somar nos esforços atuais de variadas(os) pesquisadoras(es) na promoção de transformações epistemológicas que a antropologia passa no contemporâneo.

Em resumo, o propósito principal dos desenhos aliados as discussões sobre as perspectivas de futuro e seguir com o problema almejavam *dialogar com*⁷ as fabulações de Donna Haraway e não *falar sobre* as histórias de Camille. Esse projeto dentro do LABareDA esteve intimamente ligado ao meu objetivo na tese que é construir uma *antropologia feita com desenhos e não uma antropologia dos desenhos ou sobre desenhos*.

Para o artista visual Gustavo Diaz (2017) a(o) desenhista não é somente um produtor de informações gráficas, ela(ele) é um mediador de afetos, pois os desenhos são elos de ligações para as expressões de sentimentos. Traduzir o olhar com desenhos é também um processo de mediação. Assim sendo, os desenhos são modos de agência dentro da pesquisa.

Tendo como base de estudo uma especulação fabulativa, ou seja, as Histórias de Camille, os desenhos produzidos no projeto citado acima foram produções possíveis em que se quis mediar o visível com o não-visível, usando as imagens para transmitir imaginários. Para além de uma tradução da história, ao alargar as palavras de Haraway(idem), o desenho é uma proposta viva de recriação de histórias e potencialidades para ideias que são intraduzíveis no campo textual.

⁷ A perspectiva de “dialogar com” repercute a partir da reflexão de Trinh T. Minh-ha em “Speaking Nearby” (1992). A cineasta e teórica literária vietnamita nos convida, em suas obras, a enxergar que o processo de fazer um filme não se identifica com uma prática de captura de um objeto, ou para explicar um evento cultural, ou, muito menos, com um panfleto informativo. Quando se emite uma imagem, uma palavra ou mesmo o silêncio eles têm um conjunto de significados, uma função e um ritmo próprio dentro do seu próprio mundo. E para se alcançar o objetivo de “dialogar com” em vez de “falar sobre”, a linguagem é onde se materializa a reflexividade e a multivocalidade, pois quando se quer “dialogar com” o nosso tema não pode se apresentar como distante, ou com sujeitos distantes, ou mesmo estar ausente o lugar de fala. A postura de “dialogar com” reflete sobre como o meu trabalho como pesquisadora é apresentado e como eu me coloco neste trabalho, pois “dialogar com” não é uma técnica ou metodologia, na verdade, é uma atitude na vida, uma forma de se posicionar em relação ao mundo.

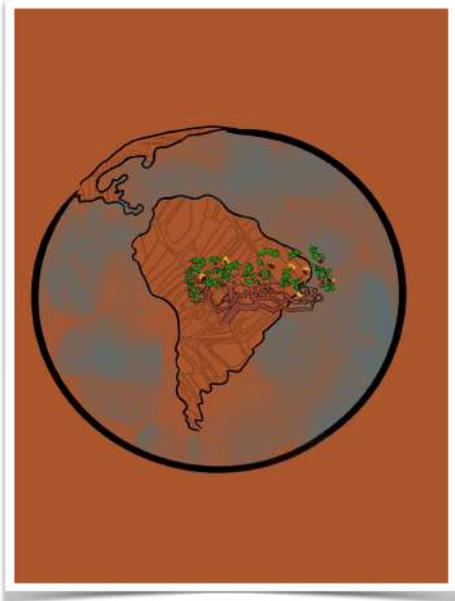


Figura. 07 - O mundo onde possam caber muitos mundos
Materiais utilizados: desenho digital produzido no aplicativo Procreate no Ipad.
Dimensões: 2480 x 3512 px
Produção da autora, 2021

Devemos levar a sério as implicações de parentesco como abrangendo todas as relações humanas e não humanas. Permanecer com o problema no desenho n. 08 é aprender a contar numa narrativa gráfica histórias que fortaleçam a capacidade de resposta ecológica num mundo caracterizado pela irresponsabilidade ambiental.

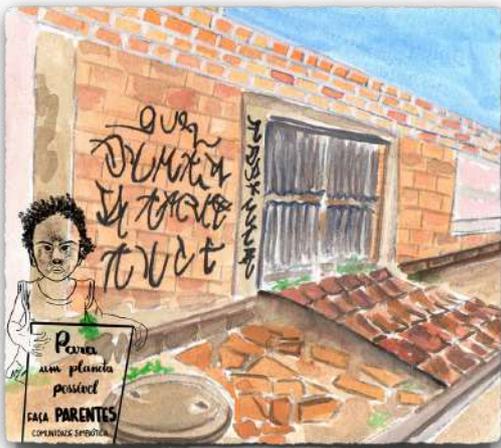


Figura 08 - Os filhos da compostagem
Materiais utilizados: guache sobre papel mix media 250g/m² –
Dimensões: tamanho A6 com intervenção de desenho digital realizada no aplicativo Procreate no Ipad.
Produção da autora, 2021



Figura 09: Desenhar mundos possíveis dentro das ruínas é um modo de resistência política

Materiais utilizados: lápis pastel seco com detalhes em caneta nanquim e caneta em gel branca sobre papel kraft 250g/m².

Dimensões: A4

Produção da autora, 2021

Donna Haraway nos desafia a repensar nossas relações com outros seres e com o planeta que habitamos. No desenho n.09 o conceito de fazer parentes com a espécie lobo guará do habitat do cerrado é uma forma de forjar alianças e colaborações através de diversas fronteiras, incluindo espécies, culturas e tecnologias. Este conceito não se trata de criar laços familiares tradicionais, mas sim de construir conexões inesperadas que promovam o respeito mútuo, a empatia e a solidariedade.

Fazer parentesco no Chthuluceno⁸ não significa construir laços familiares tradicionais, mas sim forjar alianças e colaborações inesperadas. Haraway (2016) argumenta que é necessário a solidariedade com outros humanos, mas também com outras espécies, pois os problemas que enfrentamos, como a mudança climática, a desigualdade social e a injustiça ambiental estão interligados. No desenho n.10 exploro de forma criativa formas de se encontrar esperança num mundo danificado.

⁸ Chthuluceno é um termo cunhado por Haraway que questiona a ideia do Antropoceno, sendo que este coloca o ser humano como o centro das mudanças climáticas que a Terra vem sofrendo. Diferente do Antropoceno, o Chthuluceno considera as interações complexas entre humanos e não humanos, sejam eles fungos, plantas, animais.



Figura 10: Outros mundos a ressurgir

Materiais utilizados: aquarela, lápis de cor e tinta nanquim sobre papel 100% algodão Arches 300g/m² - textura cold pressed

Dimensões: papel A4. Finalização da ilustração com intervenção do Photoshop.

Produção da autora, 2021.



Figura 11 - Fazendo parentes com outras espécies para se proteger da extinção

Materiais utilizados: desenho digital produzido no aplicativo Procreate no Ipad.

Dimensões: 977 x 1307 px

Produção da autora, 2021

O desenho n.11 reflete visualmente o que Haraway (2016) argumenta sobre o mundo marcado por crises como a mudança climática e a injustiça ambiental. Para a autora em vez de buscarmos soluções mágicas, devemos nos engajar em um processo contínuo de luta e resistência, reconhecendo a incerteza e a incompletude como parte da vida.



Figura 12 - Engajamento responsável em que se repensa o mundo onde a reprodução biológica não é fundamental

Materiais utilizados: desenho digital produzido no aplicativo Procreate no Ipad.

Dimensões: 2039 x 2048 px

Produção da autora, 2021

Temos um mundo com problemas, mas também um mundo onde as possibilidades ainda existem.

Com o cartaz “Faça Parentes” o desenho n. 12 nutre a empatia e o respeito por todos os seres, desafiando a discriminação e promovendo um mundo mais inclusivo e equitativo. Ao reconhecer o valor intrínseco de outras espécies e entidades, podemos avançar para uma coexistência mais harmoniosa.

Fazer parentes não se trata de criar uma utopia ou apagar diferenças. O desenho n. 13 reconhece as complexidades das relações humanas e não humanas ao respeitar as diversas perspectivas e construir alianças para navegar juntos pelos desafios.

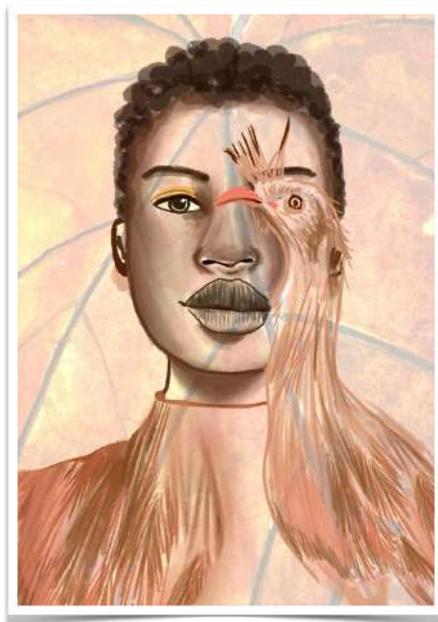


Figura 13 - Caminhante do cerrado goiano
Materiais utilizados: aquarela sobre caderno de desenho 300g tamanho A6 e desenho digital produzido no aplicativo Procreate no Ipad.
Dimensões: 1668 x 2388 px
Produção da autora, 2022

Haraway em sua obra não oferece soluções fáceis, em vez disso, ela defende o “permanecer com o problema”. Isso significa se engajar com os desafios, mesmo quando não temos todas as respostas. Ao invés de nos esquivarmos dos problemas, devemos buscar compreendê-los e enfrentá-los de forma ativa. Isso pode envolver diferentes formas de ativismo, pesquisa, educação e engajamento comunitário. O desenho n.14 mostra uma proposta de engajamento pelo ativismo.



Figura 14 - Inscrições pelo caminho em apoio à comunidade
Materiais utilizados: desenho digital produzido no aplicativo Procreate no Ipad.
Dimensões: 2388 x 1668 px
Produção da autora, 2022

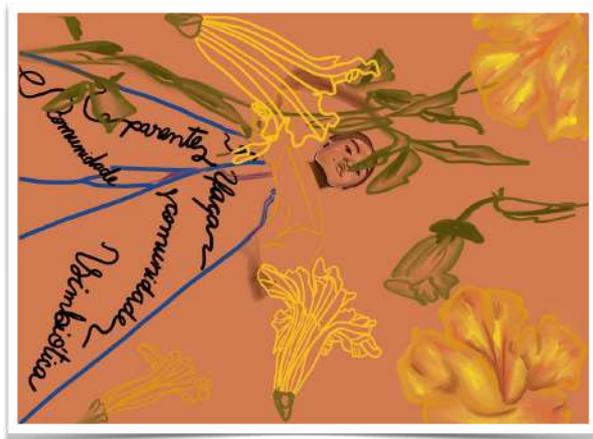


Figura 15 - Se veste com as costuras de mundo possíveis inovadoras.
 Materiais utilizados: desenho digital produzido no aplicativo Procreate no Ipad.
 Dimensões: 2388 x 1668 px
 Produção da autora, 2022

O sentido de fazer parentes no desenho n. 15 visa incentivar a polinização cruzada de conhecimento e perspectivas. Ao nos envolvermos com diferentes maneiras de conhecer e entender o mundo, podemos ampliar nossa compreensão de problemas complexos e encontrar soluções

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Ana Isabel. Um lugar para o desenho na pesquisa etnográfica – incursões nos arquivos de uma experiência. In ALMEIDA, Sónia Vespeira de & CACHADO, Rita Ávila. **Os arquivos dos antropólogos**. Lisboa: Palavrão, 2016, p. 89-100.

CHEN, Nancy N. Speaking Nearby: A Conversation with Trin T. Minh-ha”. **Visual Anthropology Review**, v. 8, n. 1, p. 82-91, 1992. Disponível em: <http://www.mahapavilion.com/conversations/trinh-t-minh-has-speaking-nearby>. Acesso em: 13 abril. 2023.

CLIFFORD, James; MARCUS, George. **A escrita da cultura: poética e política da etnografia**. Rio de Janeiro: Papeis Selvagens, EdUFRJ, 2016.

DIAZ, Gustavo. **O que o desenho me ensina** – reflexões sobre a prática do desenho. Gustavo Diaz, 2017. Disponível em: <https://gustavotdiaz.com/2017/09/08/o-que-o-desenho-me-ensina-reflexoes-sobre-pratica-do-desenho/>. Acesso em: 13 abril de 2023.

HARAWAY, Donna. **Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene**. Durham and London: Duke University Press, 2016.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2015.

Mundo na Sala de aula: Serendípias – Há espaço para amizade no trabalho de campo? Apresentação: Luisa Nascimento e Hugo Virgílio: Mundaréu, 19 set. 2020. **Podcast**. Disponível em: <https://mundareu.labjor.unicamp.br/5-mundo-na-sala-de-aula-serendipia-ha-espaco-para-amizade-no-trabalho-de-campo/>. Acesso em 13 abril de 2023.

SCHWEIG, Grazielle Ramos. Etnografia, colaboração e experimentação: apropriações e interferências entre ensino e pesquisa. **Antropolítica-Revista Contemporânea de Antropologia**, v.54, n.3, p.323-345, 2022. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/54929>. Acesso em: 13 abril 2023.